

# V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

## COMPREENSÃO EMPÁTICA E AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A PESQUISA NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: REFLEXÕES A PARTIR DA ESTÉTICA

Luma Louise Sousa Lopes;<sup>1</sup>  
Ana Silvia Rocha Ipiranga;<sup>2</sup>  
José Jorge da Silva Júnior<sup>3</sup>

### Resumo

A epistemologia da compreensão vem sendo objeto de discussão e debate ao longo do tempo. No entanto, no Brasil a compreensão, enquanto metodologia de pesquisa, ainda é pouco explorada especialmente no âmbito do Estudo das Organizações. Após levantamento feito nas principais bases de dados e periódicos abrigados no sítio eletrônico Periódicos CAPES verificamos que é escassa a produção acadêmica que percorre o caminho da compreensão empática especificamente na área de Administração no Brasil. Diante disso, procuramos trazer neste ensaio algumas considerações sobre o uso da compreensão empática para a pesquisa nos estudos organizacionais. Considerando a abordagem da estética organizacional como pano de fundo a discussão articulou às bases epistemológicas da compreensão proposta pela sociologia weberiana. Esta preconiza que os estudos na área das ciências sociais deverem estar ancorados prioritariamente na compreensão do sentido da ação dos indivíduos de modo que possamos entender por que agem de determinada forma. Após isso, refletimos sobre as possíveis contribuições que a compreensão pode trazer à pesquisa em Estudos Organizacionais, considerando a ideia do pesquisador enquanto peça-chave para a construção do *corpus* de pesquisa e a plausibilidade do conhecimento obtido sem necessariamente empreender a ação. Almejamos que este estudo sirva de estímulo para a elaboração de outras discussões sobre as possibilidades de contribuição da compreensão empática para a pesquisa nos estudos organizacionais.

**Palavras-chave:** Compreensão Empática. Estética. Estudos Organizacionais.

---

<sup>1</sup> lumalouise@gmail.com. FATENE

<sup>2</sup> anasilviaipi@uol.com.br. Universidade Estadual do Ceará

<sup>3</sup> jose.jorge@uece.br. Universidade Estadual do Ceará

## **1. Introdução**

Compreender as experiências que vivenciamos durante uma pesquisa exige métodos que favoreçam a apreensão do sentimento em seu ser-em-uso por parte do pesquisador. Esse entendimento nem sempre é possível pelos caminhos lógico-rationais impostos pelos métodos positivistas de investigação. A análise metodológica da compreensão empática se baseia nas concepções seminais de Max Weber. A sociologia weberiana apesar de ter também destacado a explicação causal da ação social, evidenciou, além do caráter lógico racional, as dimensões empática, artística e emocional da compreensão (WEBER, 2012). Nesse sentido, ao enfatizarmos a compreensão empática se pretende focalizar a questão metodológica na qual o pesquisador se coloca no lugar do outro cuja ação deseja investigar (STRATI, 2007).

Embora Weber defendesse, por um lado, a ideia da análise causal, por outro enfatizou de maneira contundente o papel da compreensão para as ciências sociais. A necessidade de uma “explicação interpretativa” faz com que as ações humanas não possam ser explicadas a partir do distanciamento do pesquisador exigido para as investigações no campo das naturais (WEBER, 2012). Pelo contrário, no campo social, o objeto investigado muitas vezes coincide com o sujeito, o pesquisador, pois este também está inserido no mesmo contexto que se empenha em estudar.

Deste modo, a epistemologia da compreensão vem sendo objeto de discussão e debate ao longo do tempo. Alguns autores (e.g. ABEL, 1948; GRIMM, 2012; MUNCH, 1957, WIERZBIKA, 2012) esboçaram seu posicionamento em relação à teoria da compreensão. Outros delinearam estudos que a partir da compreensão (e.g. STRATI, 1992, 1996). No entanto, no Brasil a epistemologia da compreensão enquanto metodologia de pesquisa ainda é pouco explorada especialmente no campo do estudo das organizações. Após levantamento feito nas principais bases de dados e periódicos abrigados no sítio eletrônico Periódicos CAPES verificamos que é escassa a produção acadêmica que percorre o caminho da compreensão empática especificamente na área de Administração no Brasil. Embora alguns textos (e.g. CÂMARA, 2010; MONTE; MESQUITA, 2013) mencionem a sociologia compreensiva ainda são poucos os estudos que percorrem empiricamente o método da compreensão de caráter empático (e.g. IPIRANGA et al 2013; LOPES; SOUZA; IPIRANGA, 2014; LOPES, 2014).

Dada a incipiência de escritos sobre a temática no Brasil, buscamos neste ensaio desvelar a compreensão empática enquanto método, bem como seu uso nas pesquisas em estudos organizacionais. Optamos por utilizar a abordagem da estética como pano de fundo das discussões, por ter sido este o caminho já percorrido na literatura internacional sobre estética por Strati (1992, 1996, 2007, 2010).

Ao colocarmos em discussão a questão metodológica da compreensão empática apresentamos inicialmente as bases epistemológicas que apoiam a compreensão. Em seguida apontamos brevemente a perspectiva estética da vida organizacional e realizamos um breve passeio nas publicações sobre a temática. Em seguida apresentamos um caminho a ser trilhado pelos estudos que pretendem utilizar a compreensão empática como esteio teórico-metodológico para o estudo da estética. Na terceira sessão discutimos as possíveis contribuições que a compreensão empática pode oferecer às pesquisas no âmbito dos estudos organizacionais. Com isso, esperamos aguçar e ampliar a reflexão em torno da opção metodológica da compreensão empática.

### **1. Compreensão: As bases epistemológicas de Marx Weber**

Para um melhor entendimento da compreensão empática é indispensável um retorno às suas raízes epistemológicas. Podemos encontrar grande parte desta base na sociologia compreensiva delineada pelo filósofo Weber, que elaborou uma teoria na tentativa de desvencilhar as ciências sociais do absolutismo positivista até então existente em seu ambiente intelectual (MATTOS, 2011).

Weber pertenceu a um grupo de filósofos que estabeleceu uma clivagem entre as ciências sociais e as ciências naturais no tocante aos pressupostos teóricos e metodológicos de investigação. Conforme o pensamento de Weber (2012), as ciências naturais tinham por objetivo explicar as relações causais entre os fenômenos. Assim, o interesse primeiro de um método nas ciências sociais se encontra na causa, que gera fatos e estes serão descritos e controlados, para que posteriormente possam ser previstos (MATTOS, 2011).

Já as ciências sociais deveriam compreender os processos da experiência humana, enquanto acontecimentos mutáveis, baseados, portanto, na interpretação para obter um conhecimento válido sobre a ação significativa: “toda interpretação pretende alcançar evidência.” (WEBER, 2012, p. 7). Por isso o interesse das ciências sociais se volta para a finalidade da ação, por que está será sua causa explicativa. Nesse sentido, compreender antecede o explicar.

Assim como para as ciências naturais era necessário prever e controlar, o interesse das “ciências culturais” deveria estar ancorado prioritariamente em **compreender** o sentido da ação dos indivíduos, entender por que agem de determinada forma (WEBER, 1979, p.65). Em outras palavras a finalidade das ações são as causas que as explicam. Nesses termos, a compreensão (*Verstehen*) é definida por Weber (2008) como a interpretação do significado ou complexo de significados efetivamente intencionais num caso particular. Ou seja, compreender implica num esforço empático em interpretar as bases lógicas e inteligíveis onde estão construídas (POKER, 2013).

Dada a variedade de compreensão que se podem ter, Weber descreveu as interpretações possíveis como mais ou menos evidentes (*Evidenz*). Essa verosimilhança classifica a compreensão como intelectual ou empática. Aquilo que é racionalmente evidente é intelectualmente compreendido. Já aquilo que é empaticamente evidenciado é amplamente reexperimentado. Se por um lado somos capazes de entender teoremas e inferências a partir de dados empíricos, por outro lado só poderemos compreender eventuais erros caso já tenhamos passado por eles. Assim a compreensão de estados irracionais e emocionais só é possível caso nós mesmos já tenhamos passados por tais estados. Essas projeções se evidenciam a partir de experiências interiores daquele que interpreta (WEBER, 2012; WIERZBICKA, 2012).

O princípio da empatia se originou a partir do conceito de *Bildung*, termo que se referia a educação no âmbito do autodesenvolvimento pessoal, graças a uma relação interpretativa com grandes escritos (RINGER, 2004). O ideal de *Bildung* floresceu no que Ringer (2004) nomeou de revolução educacional ocorrida na Alemanha no século XIX. Tal revolução teve papel importante ao elevar as faculdades de artes e filosofia a um lugar de importância na erudição do sujeito.

Nesse contexto, o ideal de *Bildung* preconizava que o leitor pudesse reviver as experiências corporificadas nos textos e identificar-se intuitivamente com seus autores (RINGER, 2004). Assim, seria possível aos sujeitos se colocarem no lugar dos agentes históricos que procuravam compreender. Tal requisito implicava, necessariamente, em um processo de colocar-se no lugar do outro.

Weber (2012) afirmou que o comportamento humano é algo difícil de ser compreendido, no entanto, o filósofo acreditava que, ao investigarmos de forma interpretativa os motivos desse comportamento, poderemos de entender suas causas (RINGER, 2004). Este pensamento baseia-se na ideia de que o mundo social não pode ser compreendido da mesma forma que o mundo natural, pois as ciências sociais estão atentas para aquilo que é único, enquanto as ciências naturais procuram se ocupar daquilo que se repete (HAMLIN, 1998; WEBER, 2012).

Nesse sentido, a ação de um sujeito deve ser compreendida em termos do significado subjetivamente intencional, ou seja, devemos buscar entender o que o indivíduo que processa a ação tinha efetivamente em mente, o que realmente o levou a agir. Desse modo, a compreensão figura como um instrumento de captação do que é relevante (aos olhos do pesquisador) para os estudos no campo das ciências sociais (PAIVA, 1997).

Ainda que, por um lado, Weber também defendesse a ideia da análise causal ele enfatizou de maneira contundente o papel da compreensão para as ciências sociais. A necessidade de uma “explicação interpretativa” fez com que a interpretação fosse entendida por Weber como parte da análise causal. As ações humanas não se explicam a partir do grau de afastamento do pesquisador exigido para as investigações no campo das naturais (WEBER, 2012). No campo social, o objeto investigado muitas vezes coincide com o sujeito, o pesquisador, pois este também está inserido no mesmo contexto que se empenha em estudar.

Nesse sentido, nós pesquisadores também construímos nossos próprios objetos de experiência e somos capazes de viver vidas paralelas à nossa como se fossemos dotado de várias biografias (STRATI, 1992). Assim, a ideia de compreensão carregou em si a crítica feita por Weber à operacionalização política das ciências sociais, resguardada pelos teóricos positivistas à época (POKER, 2013).

A epistemologia da compreensão vem sendo objeto de discussão e debate ao longo de vários anos por vários pesquisadores. Embora alguns autores (e.g. ABEL, 1948) se posicionem contrários a compreensão enquanto uma epistemologia e método válido para a pesquisa, outros defendem a compreensão especialmente no que diz respeito à necessidade de compartilhamento de conceitos, o que favorece o entendimento do outro (WIERZBICKA, 2012) e como sendo uma epistemologia superior ao próprio conhecimento (GRIMM, 2012). No entanto, no Brasil a compreensão ainda é pouco explorada especialmente no campo do estudo das organizações. A produção acadêmica que percorre o caminho da compreensão empática no Brasil (e.g. IPIRANGA et al, 2013; LOPES; SOUZA; IPIRANGA, 2014; LOPES, 2014) ainda é escassa. Por isso retemos como oportuno propor este debate sobre a opção teórica – metodológica da compreensão empática, tendo como pano de fundo a abordagem da estética organizacional

## **2. A abordagem da estética organizacional**

A estética se constitui em uma teoria filosófica que foi inicialmente abordada por Platão e Aristóteles na Grécia Antiga, a partir das discussões destes filósofos sobre a noção de beleza. Em 1750, Baumgarten (1993) conceituou a estética como a teoria do saber sensível, problematizando-a como ciência.

No campo organizacional a estética se refere a uma forma de conhecimento humano e, especificamente, ao conhecimento fornecido pelas faculdades perceptivas da audição, da visão, do tato, do olfato e do paladar e do pensamento, pela capacidade de formular um juízo estético (STRATI, 1992, 1996, 2000, 2007; TAYLOR; HANSEN, 2005).

Este juízo “permite avaliar se alguma coisa é agradável ou não, se corresponde ao nosso gosto ou não, se nos ‘envolve’ ou nos deixa indiferentes, ou mesmo nos repugna” (STRATI, 2007, p. 11). A organização, ou as atividades realizadas a partir das interações dos atores organizacionais, podem ser consideradas belas, feias, engraçadas, profanas ou mesmo sagradas. Esse julgamento estético baseia a ação social que constrói a vida organizacional, com base nas negociações de significados da interação organizacional.

Dessa forma, os juízos estéticos, enquanto uma avaliação subjetiva da organização, podem ser negociados, interpretados e alterados pelos sujeitos organizacionais. Nesse sentido, o juízo estético fornece conhecimento sobre como o sujeito representa a organização para si e não necessariamente como ela de fato é (KANT, 2012; STRATI, 1992, 2007).

A abordagem estética da vida organizacional emergiu nos anos 70 e 80. Nesta época as organizações eram concebidas no plano racional a partir de um pensamento puramente instrumental, sendo sua dimensão sensível relegada (GAGLIARDI, 2009; STRATI, 2007). Essa visão, no entanto, foi paulatinamente sendo alterada com o crescimento de abordagens que privilegiavam outras dimensões da vida organizacional que não a dimensão lógico-racional. Emergiram então abordagens que se preocupavam em entender outras dimensões organizacionais como, por exemplo, a sensível.

O entendimento das questões que envolviam elementos imateriais, como emoções e sentimentos, ancorava-se em pressupostos metodológicos que priorizavam o entendimento da ação dos sujeitos. Neste âmbito nos voltamos para as questões colocadas por Weber (2012) e sua sociologia da compreensão, que primava pelo entendimento dos motivos da ação dos sujeitos. Muito embora para o autor essa compreensão fosse possível a partir da lógica e da razão, ela também era viável a partir da intuição, ou empatia com o outro.

Essas mudanças foram resultado de uma crise de representação pela qual passou o campo dos estudos organizacionais no movimento da perspectiva positivista-funcionalista para a crítico-interpretativa (TAYLOR; HANSEN, 2005). Nesse contexto, foram esboçadas críticas ao paradigma estrutural, especialmente no que diz respeito às limitações que pouco auxiliam na compreensão das organizações e à visão reificada das organizações, que ignorava a vontade dos sujeitos (STRATI, 2007).

Esse debate abriu o caminho, entre outras abordagens, para o uso da estética como lente para investigar as organizações. Deste modo, a incorporação da teoria estética aos estudos organizacionais é relativamente recente. Seu desenvolvimento ocorreu a partir de uma série de acontecimentos, entre eventos e edições especiais de periódicos, onde os estudos começavam a iluminar outras faces das organizações (QUADRO 1).

#### QUADRO 1

Cronologia de Acontecimentos Importantes à Abordagem da Estética nas Organizações.

(Continua)

ANO	ACONTECIMENTO	IMPORTÂNCIA
1985	II <i>Standing Conference on Organizational Studies</i> (SCOS), organizada por Vicent Degót	A temática sobre imagem empresarial trouxe trabalhos que versavam sobre questões como a identidade organizacional transmitida graficamente pela organização (COSTA, 1986), transmitida a partir das imagens que circulam no interior (BOLOGNINI, 1986) e exterior (SCHNEIDER; POWLEY, 1985) da organização e que representam importantes eventos organizacionais no que diz respeito à identidade e identificação com a organização e sobre a desconstrução do discurso organizacional oficial (GRAFTON-SMALL; LINSTEAD, 1985).
1987	Edição especial da revista <i>Dragon</i> (v. 2, n. 3), editada por Pierre-Jean Benghozi	Compilação das pesquisas mais relevantes apresentadas na SCOS de 1985.
1987	III <i>Standing Conference on Organizational Studies</i> (SCOS), em Milão, Itália.	Com a temática “ <i>The Symbolics of Corporate Artifacts</i> ”, foram apresentadas pesquisas que articulavam temas como a criatividade com a qual os indivíduos trabalham na organização, a gestão de organizações que realizam atividades ligadas à arte, bem como as práticas cotidianas que se relacionam com a arte.

1987	Edição da revista <i>Dragon</i> (v.2, n. 4) editada por Pierre-Jean Benghozi	<p>Reuniu alguns trabalhos que apresentaram diferentes abordagens do estudo da estética nas organizações, analisando aspectos que não estavam relacionados apenas com a estrutura física. Destacaram-se os estudos que:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Compararam as práticas de gestão às produções artísticas, cuja qualidade pode ser julgada esteticamente, pois utilizar apenas a lente dos negócios para examinar tais práticas não permite enxergar seu significado completo (DEGÓT, 1987);</li> <li>• Alegaram que as corporações podem ser consideradas bonitas ou elegantes tanto pelas pessoas internas como externas à organização, bem como são um adequado objeto de estudo e avaliação em termos estéticos (RAMIREZ, 1987a);</li> <li>• Enfatizaram o fato de que os teóricos são muito mais inclinados a devotar sua atenção para a imagem corporativa e o impacto nas pessoas em torno dela do que para a própria organização (RAMIREZ, 1987b);</li> <li>• Exploraram a forma como as decisões sobre a estética das cerimônias ilumina a construção social da comunicação organizacional (RUSTED, 1987).</li> </ul>
------	--	--

1990	Lançamento da coletânea <i>Symbols and Artifacts: Views of the Corporate Landscape</i> , organizada por Pasquale Gagliardi	Trouxe, além de outros trabalhos, as pesquisas publicadas tanto na SCOS de 1985 como na <i>Dragon</i> (v. 2, n. 3).
------	--	---

(Continua)

ANO	ACONTECIMENTO	IMPORTÂNCIA
1992	Edição especial do periódico <i>Academy of Management Review</i> (v. 17, n. 3), dedicada às abordagens emergentes nos estudos organizacionais. Os editores na ocasião eram Linda Smircich; Marta Calás e Gareth Morgan	Nessa edição foi publicado o trabalho de Antônio Strati, membro fundador da SCOS, que abordava a estética como o caminho para a compreensão da vida organizacional. No estudo Strati (1992) realizou uma discussão epistemológica onde apresentou a estética como uma forma legítima para compreender as organizações através de uma abordagem que não enquadre “a estética dentro das várias caixas onde a vida organizacional é estudada”, pois o conhecimento gerado pelo exame da experiência estética é rico e plausível.
1996	Edição especial da revista <i>Organization</i> (v. 3, n. 2), dedicada à temática da estética.	<p>Dentre os trabalhos publicados destacam-se aqueles que</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreenderam a estética como uma importante forma de conhecimento organizacional (STRATI, 1996);</li> <li>• Salientaram sua pertinência para o estudo das organizações por fornecer uma visão a respeito da beleza – elemento constitutivo da vida organizacional (WHITE, 1996);</li> <li>• Compreenderam a forma – arquitetura, <i>design</i>, entre outros - da organização como um artefato que oferece aos atores organizacionais uma experiência sensorial direta (RAMIREZ, 1996).</li> </ul>

1996	Publicação do <i>Handbook of Organizational Studies</i> (v. 2) com um capítulo dedicado aos artefatos organizacionais, elaborado por Pasquale Gagliardi	Nesse capítulo, a discussão sobre os artefatos organizacionais e a forma como são percebidos pelos sentidos foi levantada, afirmando que as organizações estão repletas de conhecimento sensorial (GAGLIARDI, 2009).
1999	Publicação da obra <i>Organization and Aesthetics</i> de Antônio Strati	O livro promoveu o que pode ser chamado de virada estética, compreendendo esta como uma lente em potencial para entender as organizações. No Brasil a obra foi traduzida e publicada em 2007.
2002	Edição especial da revista <i>Human Relations</i> (v. 55, n. 7)	A edição foi dedicada à exploração da vida organizacional a partir de abordagens estéticas, tanto em investigações teóricas como empíricas. Tal feito preconiza a adoção de um estilo dialógico que permita várias interpretações que não incorram nas dicotomias teóricas como, por exemplo, mente e corpo, belo e feio, entre outros. Destaca-se nessa edição o trabalho de: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Martin (2002) que descortinou a noção de “espírito de lugar” ao explorar como estava organizada a experiência estética em um abrigo para pessoas idosas no Reino Unido, por meio do exame das sensações dos residentes;</li> <li>• Pelzer (2002) que explorou a categoria do nojo, interpretando-o como uma forma de conhecimento. De acordo com o autor seu trabalho foi capaz de demonstrar o poder da teoria estética para a obtenção do conhecimento nas organizações;</li> <li>• Taylor (2002) que investigou a incapacidade de expressar a experiência estética. O autor chamou isso de mudez estética e inferiu que suas causas podem ser a ameaças à harmonia, eficiência e imagens de poder e eficácia existentes na organização.</li> </ul>
2007	Lançamento do projeto <i>Aesthesis</i>	<i>The Aesthesis Project</i> foi lançado em janeiro de 2007 como um projeto de pesquisa para investigar a arte e a estética na gestão e nos contextos organizacionais, trazendo artistas, <i>designers</i> , consultores de negócios e professores de gestão. Isso estendeu a estética organizacional para um campo interdisciplinar.

(Conclusão)

ANO	ACONTECIMENTO	IMPORTÂNCIA
2007	Lançamento da revista <i>Aesthesis, International Journal of Art and Aesthetic in Management and Organizational Life</i>	Publicada em seis volumes a revista foi parte do projeto <i>Aesthesis</i> , no entanto não era uma publicação rotineira da academia. Nos seis volumes publicados o periódico trouxe uma série de questões relativas à abordagem estética.
2012	Lançamento do periódico <i>Organizational Aesthetics</i> , atualmente editado por Steven S. Taylor	A revista do projeto <i>Aesthesis</i> foi continuada como o periódico <i>Organizational Aesthetics</i> . A revista pretende chegar a lugares até agora não explorados pela literatura, a partir de tópicos como o uso de métodos baseados em arte nas organizações, a divulgação de fenômenos estéticos nas organizações e a arte que existe subjacente ou na própria organização.
2013	Lançamento do livro <i>Experiencing Organizations: New aesthetic perspectives</i> , editado por Jonathan Vickery e Ian King.	O lançamento deste livro foi o resultado mais recente do projeto <i>Aesthesis</i> e foi lançado no <i>Copenhagen Business School</i> em 3 de maio de 2013.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Atualmente, as pesquisas sobre estética nas organizações se dedicam a diferentes debates como, por exemplo, o entrelaçamento entre as noções de estética e criação de estratégia (e.g.

FILIPPI; TANNERY, 2009); a discussão a respeito das abordagens utilizadas para o estudo da estética, dando atenção especial aos temas de emancipação das pessoas no trabalho, os estilos e as práticas organizacionais (e.g. STRATI; 2010) e sobre como os artefatos estéticos são implantados para a criação e/ou controle de indivíduos no contexto organizacional (e.g. SORENSEN, 2010).

O trabalho de Sorensen (2010) chamou a atenção por se propor a examinar a forma como a produção artística do pintor Caravaggio, intitulada A Conversão de São Paulo (1600/1601), transmite imagens de empreendedorismo e dos processos organizacionais, contribuindo dessa forma para o desenvolvimento de uma abordagem crítica à estética organizacional.

Outras investigações discutem a elaboração de um modelo mais abrangente do papel da estética organizacional na regulação da identidade e no rompimento com padrões culturais (e.g. WASSERMAN; FRENKEL, 2011); o uso do conhecimento estético como elemento de ligação entre a gestão e o *design* (e.g. STEPHENS; BOLAND, 2011); a relação entre a ética e a estética, por meio da análise da noção de *beau geste* no âmbito da liderança (e.g. BOUILLOUD; DESLANDES, 2013). As pesquisas sobre estética (e.g. KURONEN, 2012) também se dedicaram a entender como a beleza molda as percepções dos indivíduos sobre os processos organizacionais.

Alguns estudos ainda discorreram sobre o potencial das formas artísticas, como o teatro, para a pesquisa em estética organizacional (e.g. BIHEL-MISSAL, 2012); outros utilizaram a abordagem artístico-estética para ampliar o alcance da estética organizacional na experiência de sala de aula de um curso de pós-graduação (e.g. MACK; 2013). A pesquisa de Mack (2013), a partir da revelação de que o próprio processo criativo é carregado de um valor estético, contribuiu tanto para o conhecimento artístico-estético do grupo como para ampliar o uso da abordagem da estética, nesse caso, entrelaçando-a com as práticas de educação em Administração. No Brasil, a pesquisa sobre a temática começou a ser desenvolvida a partir do ano 2000 quando vários trabalhos, teóricos e empíricos, foram publicados com investigações a respeito das possíveis contribuições da estética, enquanto ciência filosófica para a análise das organizações (e.g. CSILLAG, 2003; LEAL, 2000, 2002, 2007, LEAL; ROCHA, 2008; WOOD; CSILLAG, 2001).

Já no campo da pesquisa empírica a discussão avançou para uma aproximação entre o conhecimento tácito e a estética a partir do estudo com proprietários de pequenas empresas da região metropolitana de Belo Horizonte/MG (TAVARES; KILIMNIK, 2007). Este estudo ressaltou as semelhanças entre as duas formas de conhecimento, especialmente o caráter não verbalizável, a noção de experiência e personalidade.

Outros estudos empíricos ampliaram as articulações até então realizadas e progrediram para o debate da relação da aprendizagem com as questões da prática de trabalhadores da construção civil no município de Santa Maria/RS, a partir de um estudo de caso qualitativo (SCHIAVO, 2010) e de profissionais que atuam em uma revenda de móveis panejados, em Porto Alegre/RS, com base em uma pesquisa etnográfica (OLIVEIRA, 2012).

Recentemente algumas pesquisas realizadas utilizaram os princípios metodológicos da compreensão empática para descrever a experiência estética imbuída nas práticas culinárias e sua relação com a gestão de um pequeno restaurante (IPIRANGA, et al., 2013), bem como as categorias estéticas presentes em uma organização gastronômica, desvelando a forma como elas influenciam na organização do restaurante (LOPES, SOUZA, IPIRANGA, 2014). Já Lopes (2014) se dedicou a investigar como ocorre a experiência estética imbuída nas práticas culinárias dos pequenos restaurantes circunscritos no Polo Gastronômico de um mercado popular.

A articulação alcançada pelo campo no decorrer do tempo mostra como a estética pode ser utilizada para entender o cotidiano organizacional em suas mais diversas faces, promovendo, dessa forma um conhecimento até então não revelado pela racionalidade instrumental. Muito embora não seja o escopo desta pesquisa promover uma profunda e ampla revisão da literatura já publicada sobre estética, os estudos apresentados até o momento mostram que a temática conseguiu se firmar como corrente de estudos com sua própria tradição de pesquisa, bem como estabelecer suas controvérsias tanto teóricas como metodológicas (STRATI, 2007).



## 1. A pesquisa baseada na compreensão empática: Considerações a partir da estética organizacional para estudos futuros

Na abordagem estética a questão metodológica acaba por tornar-se um dos fundamentos da estética moderna (STRATI, 2007). O autor igualmente salienta que a escolha de um paradigma para a condução de pesquisas organizacionais também está ancorada em considerações estéticas. Desse modo, para compreendermos os motivos afetivos, artísticos, sensíveis e ou emocionais que guiam a ação de alguém, é necessário o emprego da compreensão empática, cuja definição refinada por Strati (2007, p. 80) “consiste em se imaginar no lugar de uma pessoa cujos propósitos, motivos e sentidos se deseja explicar” (STRATI, 2007, p. 80). Nesse sentido, razões, significações e emoções são relacionadas à ação dos sujeitos, em um determinado contexto, para desvendar os motivos de sua ação (STRATI, 2007). Isso sugere, a opção epistemológica que dá prioridade ao entendimento estético da vida organizacional, pois é o conhecimento sensível que evidencia as diferenças entre as ciências naturais e as sociais, bem como suas opções teóricas e metodológicas.

Assim, o uso da compreensão empática como base teórica e metodológica de sustentação da pesquisa de cunho estético enfatiza que esta “a opção epistemológica que dá prioridade à compreensão estética e a consciência do sensível nas organizações também se funda em considerações estéticas” (STRATI, 2007, p. 83). Além disso, o método empático possibilita ao pesquisador o reconhecimento de humores, pensamentos, e sentimentos estéticos intimamente ligados à ação dos atores organizacionais, e nesse sentido o *pathos* com que um evento ou uma ação é enfatizado pelos informantes consiste: “No que diz e como diz, este não só fornece ao pesquisador informações sobre processos, como também comunica uma emoção, uma sensação, um sentimento” (STRATI, 2007, p. 272).

A ênfase, então, recai sobre o compartilhamento entre sujeitos e o pesquisador da sensação de prazer, alegria ou desprazer causada por algum evento organizacional, proporcionando o “sinal distintivo” (STRATI, 2007, p. 272) para orientar a investigação. O sentimento caracteriza o estudo estético da vida organizacional cotidiana por ser a qualidade expressiva intrínseca aos fenômenos estéticos, sendo o “[...] modo de as coisas, as situações e as formas se oferecerem” (STRATI, 2007, p. 273).

Neste entendimento, Strati (2007), apoiado na ideia de compreensão weberiana, delineou métodos próprios de investigação de organizações a partir de uma abordagem estética. Nesse sentido o autor propõe um roteiro metodológico a ser seguido, a princípio, por pesquisas baseadas numa abordagem estética. O método empático preconiza inicialmente a **imersão do pesquisador** no contexto a ser estudado, seguido pela **ativação das suas faculdades sensoriais**, em prol de experimentar por meio de sentimentos e emoções o contexto organizacional. Ou seja, devemos estar com nossos cinco sentidos plenamente atentos às sensações que, posteriormente se transformarão em experiência vivida.

A opção metodológica da compreensão empática rejeita o distanciamento do cientista do fenômeno que pretende investigar (WEBER, 2008). Essa identificação entre pesquisador e pesquisado acarreta também um envolvimento em experiências pessoais, necessário para que se possa compreender as causas que originam as ações das pessoas.

Subjacente à ativação das faculdades sensoriais, se propõe os seguintes princípios que atuam na construção do *corpus* empírico das pesquisas sobre a estética organizacional desenvolvidas segundo o método empático: a auto-observação, o uso da intuição, da analogia e o reviver da experiência na imaginação (STRATI, 2007). Na auto-observação, “o pesquisador se observa enquanto se põe no lugar de uma outra pessoa” (STRATI, 2007, p. 107). Ao examinar as sensações provocadas pela ação, seus motivos e os julgamentos que podem ser feitos sobre ela, o investigador constata e descreve os humores que lhe foram provocados, as emoções que ele mesmo sentiu e os pensamentos que lhe vieram à mente de forma secundária.

Essas informações mostram como o pesquisador se interpreta no decorrer da ação organizacional. O procedimento da auto-observação é caracterizado como analítico por ter como objetivo captar as diferentes variações que fazem daquela ação particular e distinta das demais. Assim, a auto-observação vai de encontro ao cerne das questões colocadas por Weber. No entanto, frisamos aqui, ratificando que não trata-se apenas de um reviver empático, mas sim uma busca, por meio de si mesmo, dos fins das ações e dos meios que os sujeitos detinham para alcançar os fins desejados (PAIVA, 1997). Entendemos, assim como Strati (2007), que é através do princípio da auto-observação que o *corpus* empírico, segundo à compreensão empática, é construído, visando o entendimento dos fins e meios que edificam as ações dos sujeitos.

Além disso, o autor pontua a **intuição** como um instrumento subjacente, enfatizando que sem ele “é impossível obter conhecimento empático da ação intencional do ator organizacional” (STRATI, 2007, p. 108). Para assumirmos o papel de outro é necessário que estejamos com esse processo ativo. Seu uso pode ser evidenciado nos momentos em que utilizamos os sinais que nos demonstram humores, impressões e avaliações relativas às ações dos sujeitos que tentamos compreender.

Assim como a intuição esteia uma pesquisa baseada na metodologia compreensiva a **analogia** também “possibilita que o pesquisador estabeleça uma relação dinâmica como que pensa e sente o ator organizacional e, assim, com a ação intencional em exame” (STRATI, 2007, p. 108). Dessarte, a analogia nos permite presumir a existência de sinais que manifestam os estados de espírito do sujeito. É através dela que podemos imaginar o que este indivíduo pensa e sente naquele momento, bem como o que ele pode estar prestes a sentir no decorrer da ação organizacional (STRATI, 2007).

No entanto, dentre estas possibilidades de construção do *corpus* de pesquisa, o autor coloca como mais importante a atividade de **reviver a experiência na imaginação**. Esta é a principal fonte de informações quando se emprega a compreensão empática para o estudo estético das organizações. O pesquisador através do uso de “suas faculdades intuitivas, emprega a analogia, ou confia em uma combinação dos métodos para se pôr no lugar de outrem” (STRATI, 2007, p. 109). Nesse contexto, observamos a nós mesmo de modo a tentar entender os motivos que levam o sujeito a agir de determinada forma e descrevemos aquilo que vemos e sentimos. Pontuamos, contudo, que não se trata apenas de reviver as ações do outro apenas no que tange a nossa subjetividade, mas sim reviver por meio de um trabalho racional, ainda que intuitivo (POKER, 2013).

Assim, ao nos colocarmos no lugar do outro geramos um conhecimento pré-reflexivo, pois não nos debruçamos sobre representações da realidade dadas por outrem, mas examinamos nossos próprios sentimentos e emoções, como parte do contexto de estudo (FLORES-PEREIRA, 2010). Ao fazermos isso engendram informações qualitativas específicas, baseadas no caráter empático do conhecimento (STRATI, 2007).

No momento da construção do *corpus* empírico Strati (2007) alerta que é preciso que definamos a maneira como nos colocaremos no lugar do outro, ou seja, apontemos a situação da empatia. Podemos então nos colocar no lugar de outra pessoa de três maneiras diferentes: A primeira delas é por meio da verificação das hipóteses. Ainda que soe estranho falar de hipóteses num estudo de caráter qualitativo, Strati (2007) justifica o termo afirmando que, ao tentarmos verificar os motivos que levam o sujeito à ação nós podemos nos deparar com muitas combinações, as quais ele denomina de “hipótese” (STRATI, 2007, p. 109). Algumas dessas hipóteses serão confirmadas, outras serão rejeitadas. No entanto o que se evidencia aqui é uma coincidência entre pesquisador e pesquisado. Em outras palavras, quanto maior for essa coincidência mais contundente será a compreensão empática.

A segunda forma de nos colocarmos no lugar do outro é por meio do **compartilhamento da experiência**. Nesse sentido, é necessário que também tenhamos vivido experiências semelhantes, pois conhecer esteticamente só é possível a partir da elaboração de analogias com

experiências já vividas. Strati (2007) destaca ainda a **observação participante imaginativa** onde nós pesquisadores assumimos a figura do outro em nossa imaginação, onde podemos reviver suas emoções a fim de descrever a plausibilidade dos elementos que emergem. Isso não nos obriga a nos colocarmos efetivamente no lugar de todos que participam da ação tampouco compartilhar o ponto de vista do observado. Aqui vivenciamos, por meio da imaginação, vários pontos de vista, ainda que incompletos e/ou fragmentados.

Construído o *corpus* empírico passamos então a descrição e interpretação dos elementos emersos do campo. Para que possamos empreender uma análise empática faz-se necessário realizar o processo de descrição e interpretação com base no reexame das experiências que vivenciamos em campo. A descrição do conhecimento obtido durante a construção do *corpus* é capaz de constituir um material relevante para a investigação a partir da (re)construção do conhecimento na imaginação. Esse artesanato de sensações relacionadas a pensamentos compreende um “processo contínuo de revisão, releitura, recompreensão e reargumentação” (STRATI, 2007, p. 112) da experiência vivida na imaginação.

Clarifica-se que essa descrição deve considerar as diversas vozes que são ouvidas durante a consecução da pesquisa. Para tanto devemos nos voltar para a arquitetura de um “texto aberto” (STRATI, 2007, p.116), enfatizando que a mesma maneira de ver se aplica ao escrever sobre os fenômenos, sem lhes retirar a principal dimensão. Nesse momento, então, algumas características dominantes do processo de empatia tornam-se evidentes. Estas características consistem em uma espécie de estratégia heurística que utilizamos a fim de nos relacionarmos com o conhecimento empaticamente obtido (STRATI, 2007).

Quando a cognição predomina o processo descritivo e interpretativo, fica evidente que nós pesquisadores focamos nossa atenção nos estados cognitivos do ator organizacional, ou seja, nos concentramos nos pensamentos, nas reflexões e nas conjecturas estabelecidas pelos sujeitos. A prevalência da característica estética está relacionada com o foco do pesquisador nos elementos que não podem ser traduzidos em estados cognitivos sem que sejam drasticamente modificadas. A preponderância da emoção fica evidente quando direcionamos nossa atenção para os estados emocionais antes que estes sejam traduzidos em estados cognitivos. Dentre esses estados, exemplifica Strati (2007) estão os sentimentos de gratificação e raiva colocados em ação no contexto organizacional.

Implicitamente e dentro do arcabouço empático, podemos estudar a estética da vida organizacional à luz de três estilos de pesquisa: arqueológico, lógico-empático e empático-estético (STRATI, 2007, 2010; STRATI; MONToux, 2002). Estas abordagens demarcam a forma como as investigações são conduzidas na característica da dimensão estética que é mais focada (STRATI, 2010). Seu surgimento data do final dos anos 80 e começo dos anos 90, no âmbito da linha referente aos estudos sobre cultura e simbolismo organizacionais.

Na abordagem arqueológica assumimos a posição de um arqueólogo ou historiador da arte. Esse estilo é o mais utilizado nas pesquisas sobre estética da vida organizacional e tem como base a investigação dos fragmentos da vida organizacional gerados pela cultura organizacional. Para tanto, ativamos nossas faculdades perceptivas, bem como nosso juízo estético para explorar as informações fornecidas pelos artefatos como a arquitetura organizacional, locais de trabalho e logotipos e os produtos fabricados pela organização para obter conhecimento estético da vida organizacional (STRATI, 2007, 2010; STRATI; MONToux, 2002).

Ao investigarmos as informações obtidas por meio dos sentidos as isolamos, assim como aos artefatos organizacionais. Dessa forma, obtemos material para interpretar a cultura organizacional do contexto examinado. Berg (1987) afirma que devemos agir como arqueólogos contemporâneos, em busca de descobrir mais sobre a civilização que estamos estudando a partir da investigação de seus fragmentos.

Na abordagem lógico-empática tanto apreendemos conhecimento de forma empática bem como lançamos mão da compreensão lógico-racional para interpretação do *corpus*. Nesse

sentido investigamos tanto nos aspectos materiais, bem como nos imateriais da organização. Os estudos que utilizam este estilo passam por três estágios, segundo Gagliardi (2009): i) observação: ocorre quando abandonamos nossa própria intuição passiva e nos interrogamos sobre as sensações despertadas pelo artefato organizacional e as nomeamos; ii) interpretação: quando interpretamos os achados através de nossas emoções e reflexões. Deste modo buscamos um equilíbrio entre o conhecimento empático e o distanciamento interpretativo e iii) E por fim, na fase da análise quando abandonamos o conhecimento empático e damos lugar ao rigor lógico-analítico.

Quando nos amparamos na abordagem empático-estética ativamos nossas faculdades sensoriais e nosso juízo estético na compreensão da organização a fim de nos imbricarmos e compartilharmos empaticamente as atividades dos atores organizacionais. Por fim, compomos um texto aberto, utilizando metáforas e uma linguagem poética, que descreve e evoca as dinâmicas e os processos organizacionais estudados, habilitando dessa forma o leitor a conduzir em sua imaginação alguma pequena parte do fenômeno organizacional ilustrado (STRATI, 2007). O rigor desse texto e a arquitetura dos argumentos desenvolvidos refletem nossas preferências estéticas. O Quadro 2 apresenta um resumo dos componentes da compreensão empática aplicados nos estudos das organizações:

**QUADRO 2**  
Componentes da Compreensão Empática da Organização

(Continua)

Disposição do pesquisador para "empatizar"	Identificação com o outro	Aproximação do pesquisador com o ambiente que deseja investigar.
	Ativação dos sentidos	Busca por uma experiência estética direta na tentativa de saber o que motiva os sujeitos.
(Conclusão)		
Coleta do conhecimento	Auto-observação	Pesquisador se observa enquanto se coloca no lugar do outro.
	Intuição	É utilizada quando o pesquisador julga que alguns sinais observados denotam avaliações estéticas feitas pelos atores organizacionais.
	Analogia	Permite estabelecer uma relação dinâmica com os pensamentos e sentimentos dos sujeitos organizacionais.
	Reviver a experiência na imaginação	Pesquisador observa a si mesmo e descrever a ação que foi realizada.
Definição da situação de empatia	Verificação da hipótese	O pesquisador verifica qual os motivos que podem explicar a ação dos sujeitos.
	Compartilhamento da experiência	Empatia é realizada em analogia com as experiências vividas pelo pesquisador ao longo da vida.
	Observação participante imaginativa	A imaginação do pesquisador permite que ele assuma a aparência do outro, sem efetivamente realizar a ação.
Arquitetura do texto e estilo de descrição	Texto aberto	Processo contínuo de revisão, releitura, recompreensão e reargumentação.
Aspecto dominante do processo heurístico	Cognitivo	Foco nos estados cognitivos do ator organizacional.
	Estético	Foco nos estados estéticos que o ator organizacional expressa.
	Emocional	Foco nos estados emocionais dos sujeitos.
Estilos de pesquisa	Arqueológico	Metáfora do pesquisador como arqueólogo em busca dos fragmentos da vida organizacional.
	Lógico-empático	Pesquisador busca o equilíbrio entre a compreensão lógico-racional e a compreensão estética da vida organizacional.

---

Estético-empático	Pesquisador "se mistura" ao ambiente organizacional e compartilha empaticamente as atividades dos sujeitos organizacionais.
-------------------	---

---

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Strati (2007, 2010) e Strati e Montoux (2002).

Salientamos que essas abordagens não se tratam de uma tentativa de encaixotar a estética dados seus diversos aspectos em comum. Pelo contrário, várias características da vida organizacional perpassam os limites dessas abordagens. Isso, porém não quer dizer que elas se fundem, mas que, cada uma com suas especificidades colabora constantemente para a condução de pesquisas inovadoras nos estudos sobre estética nas organizações (STRATI, 2007, 2010; STRATI; MONToux, 2002).

### **3. Contribuições da Compreensão Empática para a Pesquisa nos Estudos Organizacionais**

A compreensão empático-estética enquanto esteio epistemológico e caminho metodológico tem muito a cooperar para a construção de pesquisas no campo dos Estudos Organizacionais dado seu caráter abrangente. A contribuição da abordagem estética da vida organizacional se baseia no enriquecimento do conhecimento sobre o cotidiano das organizações a partir da apreensão da experiência estética vivida pelas pessoas enquanto elas agem de forma significativa. A proliferação dos estudos que trazem em seu bojo as noções da estética veio acompanhada de algumas controvérsias no tocante a opção metodológica mais adequada para a condução das pesquisas sobre estética.

Nesse sentido, Warren (2008) apontou que os estudos que abordam a experiência vivenciada pelo pesquisador têm prevalecido na pesquisa sobre estética. Entre essas investigações citamos a pesquisa de Nissley, Taylor e Butler (2002) ao estudarem as músicas da empresa como um discurso estético. Dessa forma, os autores analisam a si próprios na busca pelo entendimento das questões estéticas (TAYLOR; HANSEN, 2005).

De modo particular, e no contexto dos estudos organizacionais, sugerimos a compreensão empática como uma opção metodológica legítima para apreender os fenômenos que são cotidianamente investigados. Tendo como base o que colocamos anteriormente, essa opção metodológica tem a contribuir ao basear a construção da pesquisa nos estudos organizacionais. Dadas nossas limitações de escopo e espaço neste presente ensaio optamos por destacar de modo manifesto a importância do pesquisador enquanto fonte de dados válida para a construção do *corpus* de pesquisa.

Nós que nos aventuramos a estudar as organizações nos achamos cotidianamente envolvidos em várias atividades sobrepostas e relacionadas. Isso ocorre por que, no decorrer da pesquisa, inevitavelmente vivenciamos as várias dimensões que compõe as organizações, incluindo a dimensão sensível, o que nos permite experimentar in loco e na própria pele as experiências que o campo nos apresenta. Essas experiências se mostram ancoradas em fragmentos da vida organizacional que acabamos por acumular durante nossa pesquisa.

Deste modo, possuímos nossas próprias experiências estéticas emersas da relação com os diversos atores organizacionais. O charme da história, o belo modo com o qual as coisas são descritas, as evocações e conjurações feitas pelos ouvintes para entender os relatos que estão sendo contados deixam fragmentos da vida organizacional impressos em nossa memória e nos nossos cadernos de anotações. Se uma história é belamente contada, por exemplo, isso irá atuar como um fator estruturante na relação entre pesquisador e sujeito organizacional e transformar esses encontros em um conjunto de experiências que serão refinadas, reconstruídas e revividas por nós pesquisadores (STRATI, 1992, 2007).

Em paralelo às nossas próprias experiências, reunimos fragmentos da vida organizacional como um leitor, que não pode ir verificar todos os eventos pesquisados. Desse modo, fenômenos como a beleza da organização, por exemplo, são compreendidos pelas experiências e pelos

sentimentos dos próprios atores organizacionais, ou ainda, nas histórias contadas por membros da organização e percebidas como belas pelos outros, num reviver de modo intuitivo aquilo que foi experimentado (STRATI, 1992).

Assim, por não haver um distanciamento entre investigador e investigado, o pesquisador é uma peça fundamental não só por ser aquele que vai esclarecer algo ainda encoberto mas sim pelo fato de que somos nós quem percebemos e sentimos através de nossas próprias experiências as organizações (STRATI, 1992, 1996, 2007). Isso fica ainda mais evidente quando, dentro do arcabouço empático podemos perceber o caráter participativo de nossas ações e a capacidade de imaginarmos no lugar do outro. Dessa forma nós, enquanto pesquisadores, tomamos posição privilegiada e nos tornamos fontes válidas e legítimas de informações por meio de nossas próprias experiências estéticas, refinando assim nossa capacidade de empatia (STRATI, 1992, 1996, 2007).

No entanto, isso só é possível se considerarmos o exercício da ação. A partir do exercício da empatia nós podemos compreender os motivos da ação do sujeito, a partir da observação participante imaginada, sem a necessidade de executar a ação. Essa postura nos possibilita assumir o papel do ator organizacional, de outra pessoa envolvida na ação organizacional, ou daquele que observa à distância ou distraidamente (STRATI, 2007). Nesse sentido, o termo "observação participante imaginativa" (STRATI 2007, p. 14) é útil para descrever a maneira como poderíamos apreender a vida organizacional, imaginando-nos nas situações descritas por outros, mesmo não estando fisicamente presente no cenário cotidiano.

Isto abre possibilidades enquanto método, pois não precisaríamos estar necessariamente no ponto de vista de quem ele assume o papel, mas poderíamos fazê-lo com nossa imaginação que, mesmo que fragmentada, revela algo acerca da vida organizacional. Além disso, não há a limitação de observar a ação organizacional de um único ponto de vista, mas de vários.

#### **4. Considerações Finais**

Dentre as temáticas introduzidas aos estudos organizacionais a estética se apresentou enquanto metáfora epistemológica para o estudo das organizações. Partindo do conceito de estética nas organizações, enquanto conhecimento obtido por meio dos sentidos e do juízo estético, questões metodológicas foram levantadas no que diz respeito as opções de como investigar a estética nas organizações.

Para apreendermos e compreendermos o sensível que reside nas percepções do sujeito organizacional, algo que não pode ser mensurado pelos métodos lógico-rationais de condução de pesquisa, são necessárias formas refinadas de exame da realidade para entender o outro a partir de sua perspectiva estética.

Nesse sentido, desvelamos a compreensão empática enquanto arcabouço teórico-metodológico promissor à pesquisa da estética da vida organizacional. Por consistir em se colocar no lugar do outro, essa opção metodológica facilita a pesquisa de algo tão fugaz e particular como a experiência estética. Assim, objetivamos com este trabalho discutir a compreensão empática como uma metodologia legítima para o estudo da estética organizacional, bem como trazer à luz *insights* de possíveis contribuições desta metodologia não somente na seara da estética como para o campo de estudos organizacionais. Para tanto, traçamos um panorama da compreensão empática, a partir de suas bases sociológicas até a sua discussão enquanto opção metodológica na pesquisa sobre estética.

Dentre os aspectos evidenciados, destacamos a legitimação do pesquisador enquanto fonte válida de informações para a composição do *corpus* de pesquisa; a possibilidade deste se integrar ao contexto que se pretende estudar por meio do método da empatia e a flexibilidade que perpassa a metodologia da compreensão empática a partir dos estilos de pesquisa. Estes permitem adequar o grau de envolvimento do pesquisador ao contexto estudado, bem como ajustar a abordagem aos objetivos de pesquisa.

Destarte, as discussões formalizadas neste ensaio sustentam que a compreensão empática se apresenta como uma opção teórica-metodológica que pode colaborar para a pesquisa nos estudos organizacionais, especialmente por ser capaz de apreender um conhecimento que os métodos de investigação lógico-rationais não podem captar. Esperamos que este estudo sirva de gatilho para a elaboração de outras discussões sobre as possibilidades de contribuição da compreensão empática para a pesquisa nos estudos organizacionais, especialmente no tocante às questões de validade e generalização dos estudos que se apoiam nessa epistemologia. Enfim, almejamos com este ensaio fomentar a reflexão a respeito da temática das questões metodológicas relacionadas com a compreensão empática no campo dos estudos organizacionais.

## 5. Referências

- ABEL, T. The Operations Called Verstehen. *American Journal of Sociology*, v. 54, n. 3, p. 1948.
- BAUMGARTEN, A. G. *Estética: A lógica da arte e do poema*. Tradução de M. S. Medeiros. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. 191 p.
- BERG, P. O. Some notes on corporate artifacts. *Scos Note-Works*, v. 6, n. 1, p. 24-28, 1987.
- BIHEL-MISSAL, B. Using artistic form for aesthetic organizational inquiry: Rimini Protokoll constructs Daimler's General Meeting as a theatre play. *Culture and Organization*, v. 18, n. 3, p. 211-229, june. 2012.
- BOLOGNINI, B. Images as identifying objects and as organizational integrators in two firms. *Dragon*, v. 1, n. 3, p. 61-75, feb. 1986.
- BOUILLOUD, J. P.; DESLANDES, G. From negativity to creativity: About the aesthetics of "Beau Geste" in leadership. In: EUROPEAN GROUP FOR ORGANIZATIONAL STUDIES COLLOQUIUM, 29., Montreal. *Proceedings...* Montreal: [s. n.], 2013.
- CAMARA, L. Ecos da contribuição de Guereiro Ramos para a divulgação da obra de Weber no campo de Estudos Organizacionais. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 6., Belo Horizonte, *Anais...* Florianópolis: ANPAD, 2010. 1 CD-ROM.
- COSTA, J. Toward a signaletic symbology of identity in corporate communication. *Dragon*, v. 1, n. 5, p. 5-16, june. 1986.
- CSILLAG, P. *A experiência estética em organizações criativas: uma investigação fenomenológica do impacto da percepção visual sobre a criatividade*. 2003. Tese de Doutorado (Doutorado em Administração) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2003.
- DEGÔT, V. Portrait of the manager as an artist. *Dragon*, v. 2, n. 3, p. 13-50, dec. 1987.
- Dilthey, W. (1989) Introduction to the human sciences. In: R. A. Makkreel & F. Rodi. (Eds.) *Wilhelm Dilthey: selected works* (M. Neville, Trad.). New Jersey: Princeton University Press.
- FILIPPI, M.; TANNERY, F. Aesthetics drama and strategy creation. In: EUROPEAN GROUP FOR ORGANIZATIONAL STUDIES COLLOQUIUM, 25., Barcelona. *Proceedings...* Barcelona: [s. n.], 2009.
- FLORES-PEREIRA, M. T. Corpo, pessoa e organização. *Organizações & Sociedade*, v. 17, n. 54, p. 417-438, jul./set. 2010.

- GAGLIARDI, P. Explorando o lado estético da vida organizacional. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. *Handbook de Estudos Organizacionais*. v. 2., 1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas: 2009. p. 127-146.
- GRAFTON-SMALL B.; LINSTED, S. Bricks and bricolages: Deconstructing corporate images in stone and story. *Dragon*, v.1, n.1, p. 8-27, 1985.
- GRIMM, S. The value of understanding. *Philosophy Compass*, v. 7, n. 2, p. 103-117, 2012
- HAMLIN, C. L. A. (1998). Hermenêutica romântica de Willielm Dilthey. *Estudos de Sociologia* (Recife), v. 4, n. 2, p. 85-99
- IPIRANGA, A. S. R. et al. A experiência estética em uma organização gastronômica. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 37., Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2013. 1 CD-ROM.
- KANT, I. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução de Valério Rohden e António Marques. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2012. 410 p.
- KURONEN, T. Aesthetics of knowledge in organizations. In: EUROPEAN GROUP FOR ORGANIZATIONAL STUDIES COLLOQUIUM, 28., Helsinki. *Proceedings...* Helsink: [s.n.], 2012.
- LEAL, R. S. Contribuições da estética para a análise organizacional: a abordagem de uma dimensão humana esquecida. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 1., 2000, Curitiba. *Anais...* Curitiba: ANPAD, 2000. 1 CD-ROM.
- LEAL, R. S Razão, Práxis e Estética: Integração de Diferentes Dimensões de Análise Organizacional. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 26., Salvador. *Anais...* Salvador: ANPAD, 2002. 1 CD-ROM.
- LEAL, R. S. A estética como elemento para a compreensão da criatividade nas organizações. *Organizações & Sociedade*, v. 14, n. 42, p. 67-82, jul./ set., 2007.
- LEAL, R. S.; ROCHA, N. M. F. Estética, valores e cultura: Ampliando a subjetividade na análise organizacional. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 5., Belo Horizonte, *Anais...* Belo Horizonte: ANPAD, 2008. 1 CD-ROM.
- LOPES, L. L. S. *Sabores do cotidiano: A experiência estética nas práticas culinárias de uma organização gastronômica*. 2014. 168 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Administração), Universidade Estadual do Ceará, Porto Alegre, 2014.
- LOPES, L. L. S.; SOUZA, E. M.; IPIRANGA, A. S. R. Desvelando as Categorias Estéticas na Organização de um Pequeno Restaurante. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, v. 3, n. 1, p. 207-222, jan./abr., 2014.
- MACK, K. Taking an aesthetic risk in management education: reflections on an artistic-aesthetic approach. *Management Learning*, v. 44, n. 3, p. 286-304, june. 2013.
- MARTIN, P. Y. Sensations, bodies, and the ‘spirit of a place’: Aesthetics in residential organizations for the elderly. *Human Relations*, v. 55, n. 7, p. 861-885, july. 2002.



MATTOS, P. C. C. L. “Os resultados desta pesquisa (qualitativa) não podem ser generalizados”: pondo os pingos nos is de tal ressalva. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 9, p. 450-468, 2011.

MITZMAN, A. *The iron cage: Na historical interpretation of Max Weber*. 2. Ed. New Brunswick, N. J.: Transaction Publishers, 2002.

MONTE, A. L.; MESQUITA, R. F. de. A objetividade do conhecimento científico à luz do pensamento de Max Weber e Karl Popper. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 37., Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2013. 1 CD-ROM.

MUNCH, P. A. Empirical Science and Max Weber's Verstehen de Soziologie. *American Sociological Review*, v. 22, n. 1, feb. 1957.

NISSLEY, N.; TAYLOR, S. S.; BUTLER, O. The power of organizational song: An organizational discourse and aesthetic expression of organizational culture. *Tamara: Journal of Critical Postmodern Organization Science*, v. 2, n. 1, p. 46-62, sept. 2002.

OLIVEIRA, L. Y. M. de. *A arquitetura dos processos de aprendizagem à luz da teoria da estética organizacional*. 2012. Dissertação (Mestrado em Administração) - Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

OTTENSMEYER, E. J. Too Strong to stop, too sweet to lose: Aesthetics as a way to know organizations. *Organization*, v. 3, n. 2, p. 189-194, may.1996.

PAIVA, L. H. *Weber e Popper: filosofia das Ciências Sociais*. Piracicaba: UNESP, 1997.

PELZER, P. Disgust and organization. *Human Relation*, v. 55, n. 7, p. 841-860, july. 2002.

POKER, J. G. A. B. Os sentidos de compreensão nas teorias de Weber e Habermas. *Trans/Form /Ação*, v. 36, p. 221-244, 2013.

RAMIREZ, R. An aesthetics theory of social organization. *Dragon*, v. 2, n. 3, p. 51-64, dec. 1987a.

RAMIREZ, R. The relationship between the aesthetics theory of social organization and some theories of organizational symbolism. *Dragon*, v. 2, n. 3, p. 65-84, dec. 1987b.

RAMIREZ, R. Wrapping form and organizational beauty. *Organization*, v. 3, n. 2, p. 233-242, may. 1996.

RINGER, F. *A metodologia de Max Weber: Unificação das ciências culturais e sociais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

RUSTED, B. Aesthetic decisions as organizational practice. *Dragon*, v. 2, n. 4, p. 127-138, dec. 1987.

SCHIAVO, S. R. *As práticas de trabalho e o processo de aprendizagem de trabalhadores da construção civil à luz da estética organizacional*. 2010. 107 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SCHNEIDER, S. C.; POWLEY, E. The role of images in changing corporate culture: The case of A.T. & T. *Dragon*, v. 1, n. 2 p. 5-44, jan. 1985.

- SORENSEN, B. M. St Paul's Conversion: The aesthetic organization of labour. *Organization Studies*, v. 31, n. 3, p. 307- 326, mar. 2010.
- SPINK, M. J. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. 296 p.
- STEPHENS, J. P.; BOLAND, B. (2011). Legitimizing convergence: Aesthetics as a bridge between managing and designing. In: EUROPEAN GROUP FOR ORGANIZATIONAL STUDIES COLLOQUIUM, 27., Gothenburg. *Proceedings...* Gothenburg: [s.n.], 2011.
- STRATI, A. Aesthetics understanding of organizational life. *Academy of Management Review*, v. 17, n. 3, p. 568-581, july. 1992.
- STRATI, A. Organizations viewed through the lens of aesthetics. *Organization*, v. 3, n. 2, p. 209-218, may. 1996.
- STRATI, A. Putting people in the Picture: Art and aesthetics in photography and in understanding organizational life. *Organization Studies*, v. 21, n. 1, p. 53-69, jan. 2000.
- STRATI, A.; MONToux, P. G. de. Introduction: Organizing aesthetics. *Human Relations*, v. 55, n. 7, p. 755-766, july. 2002.
- STRATI, A. *Organização e estética*. Tradução de Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. 320 p.
- STRATI, A. Aesthetics understanding of work and organizational life: Approaches and research developments. *Sociology Compass*, v. 10, n. 4, p. 880-893, oct. 2010.
- TAVARES, M. das G. P.; KILIMNIK, Z. M. O conhecimento estético pode ser uma forma de explicação do conhecimento tácito? Reflexões a partir de dados empíricos. In: ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO DA INFORMAÇÃO, 1., 2007, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: ANPAD, 2007. 1CD-ROM.
- TAYLOR, S. S. Overcoming aesthetic muteness: Researching organizational members' aesthetic experience. *Human Relations*, v. 55, n. 7, p. 821-840, july. 2002.
- TAYLOR, S. S.; HANSEN, H. Finding form: Looking at the field of organizational aesthetics. *Journal of Management Studies*, v. 42, n. 6, p. 1211-1231, sept. 2005.
- WARREN, S. Empirical Challenges in organizational aesthetics research: Towards a sensual methodology. *Organization Studies*, v. 29, n. 4, p. 559-580, apr. 2008.
- WASSERMAN, V.; FRENKEL, M. Organizational aesthetics: Caught between identity regulation and culture jamming. *Organizational Science*, v. 22, n. 2, p. 503-521, mar./apr, 2011.
- WEBER, M. *Sobre a teoria das ciências sociais*. 3. Ed. Lisboa: Presença, 1979.
- WEBER, M. *Conceitos básicos de Sociologia*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008.
- WEBER, M. *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa, vol. 1, 4.ed. 3ª reimp. São Paulo, SP: Editora da Universidade de Brasília, 2012.
- WHITE, D. A. 'It's working beautifully!' Philosophical reflections on aesthetics and organization theory. *Organization*, v. 3, n. 2, p. 195-208, may. 1996.

WIERZBICKA, A. Understanding other requires shared concepts. *Pragmatics and Cognition*, v. 20, n. 2, p. 356-379, 2012.

WOOD, T.; CSILLAG, P. Estética Organizacional. *Organização & Sociedade*, v. 8, n. 21, p. 35-44, mai./ago. 2001.